

O CONTO DA PRINCESA KAGUYA: ENTRE A LENDA E A ANIMAÇÃO

Louise Calaca Gonçalves¹
Leila Borges Dias²

Resumo: A presente pesquisa se propôs a analisar o conto japonês “O cortador de bambu e a criança da Lua” de Yei Theodora Ozaki e a adaptação cinematográfica lançada pelo Studio Ghibli em 2013 e dirigida por Isao Takahata, intitulada de “O Conto da Princesa Kaguya” baseada na lenda do cortador de bambus. Portanto, foi elaborada uma pesquisa qualitativa por meio da revisão bibliográfica de materiais pertinentes ao assunto, abrangendo autores como Nádia Battella Gotlib (1988), Linda Hutcheon (2011), Nelly Novaes Coelho (2000), Alvaro Luiz Hattner (2010), Célia Sakurai (2007), Joseph Campbell (1949), Marcel Martin (2005) e outros. Além disso, recursos audiovisuais, livros e artigos relacionados às obras também contribuirão para a investigação. Dessa forma, objetivou-se identificar as principais diferenças, semelhanças e particularidades na representação da história, narrativa e protagonista, na busca de compreender como cada meio artístico aborda os temas centrais da história e como essas abordagens podem refletir as diferentes épocas e contextos. Por conseguinte, são discutidos o percurso da relação entre cinema e literatura e como a cultura, tradições e os costumes dos japoneses presentes no conto e na animação são reflexos da realidade do período Heian, quando a lenda se propagou. Por fim, são exploradas as nuances e especificidades do gênero literário conto, a par das características de uma adaptação cinematográfica, como duas formas de artes distintas, mas que possuem sua coerência interna, cada uma à sua maneira.

Palavras-chave: Adaptação. Conto. Animação.

THE TALE OF PRINCESS KAGUYA: BETWEEN LEGEND AND ANIMATION

Abstract: This work intended to analyze the japanese tale “The Tale of The Bamboo Cutter And The Moon Child” from Yei Theodora Ozaki, and it’s cinematographic adaptation from Studio Ghibli, directed by Isao Takahata in 2013, entitled “The Tale of Princess Kaguya”, based on the same tale. Therefore, a qualitative research was elaborated through bibliographic review of relevant works on this subject, with authors such as Nádia Battella Gotlib (1988), Linda Hutcheon (2011), Nelly Novaes Coelho (2000), Alvaro Luiz Hattner (2010), Célia Sakurai (2007), Joseph Campbell (1949), Marcel Martin (2005) and others. Furthermore, audio-visual material, books and articles related to both works will also add to this research. Thus, the objective was to identify the main differences, similarities and particularities of the story’s portrayal, narrative and main character, to comprehend how each form of art approaches the story’s major themes and how those approaches can reflect the different ages and contexts. Consequently, a discussion is made about the course of cinema’s and literature’s relationship and how the culture, traditions and habits of the Japanese shown in the tale and in the movie mirror the Heian age’s reality, period when the tale was popularized. At last, the nuances and specificities of the literary genre tale are explored alongside the characteristics of a cinematographic adaptation as in two distinct forms of art, but each one has its own internal coherence, in its own way.

Keywords: Adaptation. Tale. Animation.

INTRODUÇÃO

“O Cortador de Bambus” (Takatori Monogatari) é um conto de origem japonesa que tem cativado gerações com sua narrativa mágica e envolvente. A história segue a jornada de Kaguya, uma princesa celestial encontrada dentro de um broto de bambu reluzente por um

¹Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Goiás. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4936892652550408> Orcid: 0009-0004-1678-3094. E-mail: louise.calaca@gmail.com

²Professora Associada da Faculdade de Letras. Doutora em Sociologia pela UnB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6882008402080406> Orcid: 0000-0002-2298-988X. E-mail: borges_leila@ufg.br

cortador. Ela cresce com graça e beleza, mas sua origem divina a torna inatingível para os pretendentes terrestres. Na trama, Kaguya terá de enfrentar seu destino, a busca pela liberdade e a punição por suas escolhas. Essa história ganhou uma nova vida através da aclamada adaptação cinematográfica em animação realizada pelo Studio Ghibli. Sob a direção talentosa e emocionante de Isao Takahata, lançada em 2015 no Brasil, deu vida à narrativa de uma maneira verdadeiramente única, assemelhando-se a uma pintura em movimento.

Neste trabalho, será apresentada a transposição desse conto para a tela de cinema, buscando compreender como a adaptação expande os horizontes dessa narrativa, preservando sua essência e, ao mesmo tempo, reinterpretando-a sob uma luz contemporânea. Uma das características mais marcantes é a estética visual única do filme, que aplica uma técnica de animação que se assemelha a pinturas de aquarela em movimento.

MATERIAIS E MÉTODOS

Através da análise comparativa entre o conto e a animação, pretende-se desvendar os aspectos estéticos, narrativos e culturais que se entrelaçam no processo de transformação de uma história milenar em uma expressão cinematográfica cativante e atual, visando entender como a narrativa é transformada e moldada no processo de adaptação para o meio visual.

A pesquisa será desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, que também utilizará recursos audiovisuais. Logo, este estudo abrangerá a relação entre literatura e cinema, buscando identificar como a essência da narrativa é preservada, modificada ou reinterpretada na transição de um meio para outro. A pesquisa também explorará as influências culturais presentes na adaptação, considerando como elementos culturais específicos são incorporados ou adaptados. Além disso, será examinado o contexto social, político e cultural do período em que o conto foi produzido.

A abordagem qualitativa permitirá uma análise aprofundada das nuances estéticas e narrativas, buscando compreender não apenas as semelhanças e diferenças entre o conto original e a animação, mas também como esses elementos contribuem para a construção de uma história que se transforma e perdura no tempo.

1 LITERATURA E CINEMA

A arte de contar histórias é uma tradição inerente à experiência humana. Antes mesmo da invenção da escrita, as sociedades confiavam na tradição oral para transmitir conhecimentos, mitos e valores de geração em geração. À medida que a escrita evoluiu, as

histórias ganharam uma nova dimensão, tornando-se registros duradouros da imaginação e das experiências humanas.

Ao longo dos séculos, a transmissão de histórias foi se modificando devido aos avanços tecnológicos e às mudanças culturais. Desde os contadores de histórias das praças medievais europeias até os teatros elisabetanos e os *Kamishibai* japoneses³, a narrativa continuou a desempenhar um papel vital na humanidade. Com o tempo, a tradição de contar histórias evoluiu e encontrou uma nova expressão poderosa com o advento do cinema. A transposição das narrativas literárias para o mundo cinematográfico representou uma mudança significativa na forma como as histórias eram contadas e consumidas.

Adaptações de obras literárias para o cinema tornaram-se uma prática comum, proporcionando aos espectadores a oportunidade de testemunhar suas histórias favoritas ganhando vida no telão. Um exemplo é o filme de animação japonês *O Conto da Princesa Kaguya*, lançado em 2013, com roteiro e direção de Isao Takahata, baseado no conto literário anônimo *A Lenda do Cortador de Bambus* e produzido pelo Studio Ghibli. Uma obra cativante e única, foi indicada ao Oscar de Melhor Animação, sendo elogiada por Nicolas Rapold, do *The New York Times*, que a descreveu como “requisiteiramente desenhada com delicadeza em aquarela e um rápido senso de linha”⁴.

A qualidade de uma adaptação não deve ser medida apenas pela conformidade com expectativas individuais, mas sim pela apreciação do processo como um todo. O entendimento de que diferentes perspectivas contribuem para a riqueza da experiência adaptativa possibilita uma apreciação mais completa e respeitosa do trabalho envolvido na criação dessas obras.

1.1 LINGUAGEM LITERÁRIA E LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

A linguagem literária e a linguagem cinematográfica são formas distintas de narrar histórias e expressar ideias, cada uma com suas características únicas. Na linguagem literária, a narrativa é construída por meio do uso primoroso da palavra e do texto para criar imagens mentais e transmitir informações.

Enquanto a linguagem literária oferece uma riqueza textual que permite interpretações multifacetadas e uma participação ativa do leitor na construção da narrativa, a linguagem cinematográfica cativa pela imediaticidade das imagens e pela experiência audiovisual

³ O *Kamishibai* significa “teatro de papel”, uma arte japonesa de contação de histórias que utiliza desenho.

⁴ Tradução própria. Original: “exquisitely drawn with watercolor delicacy and a quick sense of line”.

envolvente. Ambas as formas de expressão têm seu lugar distintivo, cada uma contribuindo para o vasto e diversificado mundo da narrativa. Ao adaptar uma obra para o cinema, é crucial compreender que, embora a relação com o texto original seja evidente, as adaptações contam histórias a seu próprio modo, preservando, ao mesmo tempo, a essência da obra precursora.

2 CONTO “O CORTADOR DE BAMBU”

Considerada uma das lendas mais antigas do Japão, de autoria anônima e de origem situada entre os séculos IX e X, essa história é contada há mais de 1.000 anos, possuindo, por isso, inúmeras versões. O conto de Kaguya foi adaptado, reformulado e atualizado em diversas mídias modernas, especialmente na cultura pop japonesa, como mangá, musical e anime.

A animação O Conto da Princesa Kaguya, de Isao Takahata, será utilizada como suporte comparativo neste trabalho. Trata-se de uma tradição oral que foi se metamorfoseando à medida que passava de geração em geração, entre as diversas culturas e povos que a transmitiam, incorporando traduções para outras línguas e adaptações modernas. No entanto, o conto continua sendo transmitido, sobrevivendo ao tempo e mantendo seus ensinamentos e sua essência.

Dentre as diversas versões existentes dessa lenda, foi escolhido o conto “O Cortador de Bambu e a Criança da Lua”, presente na antologia Japoneses: contos de guerreiro e outras histórias, escrito em 1908 pela tradutora japonesa Yei Evelyn Theodora Kate Ozaki e republicado em 2022 pela Editora Pandorga sob direção de Silvia Vasconcelos. Nessa obra, são retratadas diversas lendas, histórias japonesas, fábulas de animais, seres sobrenaturais, contos populares, bem como temas de moralidade, ética e religião. Além disso, uma das preocupações centrais da autora foi dissipar a noção da mulher japonesa como oprimida e passiva, conforme o retrato presente em *Madame Butterfly* e em “O Cortador de Bambu e a Criança da Lua”.

2.1 ENREDO

Há muito tempo, em um local distante no Japão, vivia um *taketori* (cortador de bambus) e sua esposa. Todos os dias, ele caminhava pelos bosques e colinas procurando bambus. Com a madeira e as fibras que cortava dessa planta, os dois faziam artigos para venda, garantindo assim seu sustento. Um dia, quando estava caminhando pela floresta, viu uma estranha luz brilhar de dentro de um caule de bambu com pequenas rachaduras. Movido

por forças inexplicáveis, o *taketori* partiu o bambu em um só golpe e, dentro dele, encontrou uma linda menininha, de cerca de 7 centímetros, acomodada no caule. Ele pegou a menina nas mãos e deixou a floresta, ansioso para mostrá-la à esposa. A mulher ficou tão feliz e fascinada com a beleza da menina que considerou aquilo uma dádiva divina.

Depois desse dia, sempre que cortava bambus, o velho encontrava ouro e pedras preciosas, que acreditava terem sido enviadas pelos céus. Com essas riquezas, mandou construir uma bela casa para a família e passou a ser conhecido na região como um homem rico. Pouco tempo se passou, e a criança cresceu tão rápido quanto um broto de bambu, tornando-se uma jovem adulta de beleza extraordinária. Diante disso, seus pais a vestiram com lindos *kimonos* (trajes típicos japoneses) e a esconderam atrás de biombo, como uma princesa, não permitindo que ninguém a visse. A beleza da jovem era tanta que, sempre que o velho estava triste, bastava olhar para a filha e a tristeza desaparecia.

Então, o tão esperado dia de nomear a filha chegou. Os pais chamaram o famoso designador de nomes, que a nomeou princesa Luz-da-Lua, devido à sua luz radiante semelhante à da Lua. A fama de sua beleza espalhou-se, atraindo muitos pretendentes que desejavam casar-se com ela. Os pretendentes ficaram dia e noite do lado de fora da casa, na esperança de conseguir ver ou falar com a princesa. Aproximavam-se na tentativa de conversar com os pais e criados, mas não lhes foi concedida nenhuma permissão. Com o passar dos dias, a maioria dos pretendentes foi desanimando e voltando para casa, exceto cinco cavaleiros que permaneceram lá, enfrentando fome, frio, calor e outras dificuldades ao longo das estações. Mesmo com tamanha demonstração de bravura dos pretendentes, a princesa nunca respondeu a nenhuma das cartas enviadas a ela.

Depois de muitas tentativas, os pretendentes conseguiram conversar com o velho, que ouviu as súplicas de amor. Com pena da situação e por querer que a filha adotiva se casasse, convenceu-a a ouvir os pedidos. Para confortar seu velho pai, a princesa concordou em escolher um marido, mas, antes, queria testar a profundidade do afeto de seus pretendentes. Ela pediu que cada um trouxesse um objeto desejado por ela, vindo de países distantes. Os objetos incluíam uma tigela de pedra que pertencera a Buda, na Índia; um galho da árvore que crescia no Monte Horai, feito de ouro, prata e pedras preciosas; a pele do rato de fogo, da China; a pedra de cinco cores que um dragão carregava; e, por fim, a concha que uma andorinha carregava no estômago. A princesa estabeleceu que o pretendente que conseguisse trazer um desses objetos ganharia a honra de se casar com ela. Entretanto, todos falharam em

suas missões. Os primeiros quatro tentaram enganar a princesa, levando objetos falsos, e o último desistiu da busca.

Após ouvir histórias sobre a beleza da princesa Kaguya, o Imperador exigiu sua presença no castelo, com a intenção de transformá-la em sua concubina. No entanto, ela recusou, dizendo que não era da Terra e que não podia se casar. Depois da visita do Imperador, a princesa mudou seu comportamento, toda vez que olhava para a lua chorava muito e sua face de alegria deu lugar para a tristeza e melancolia. Eventualmente, revelou a seus pais que era da Lua e precisava retornar ao seu povo. Quando chegou na época de seu retorno, o Imperador colocou guardas em volta da casa da princesa para impedir a entrada do povo da Lua, mas foi tudo em vão.

Os seres desceram dos céus em cima de nuvens e de carruagens. A princesa Kaguya suplicou para ficar, mas não foi possível. Em sua última súplica, pediu que pelo menos pudesse se despedir dos pais e do Imperador, e seu pedido foi atendido. A princesa tirou seu *kimono* bordado e entregou ao pai como lembrança. Vestiu o manto de plumas e bebeu o frasco do elixir da vida, depois entregou um pouco para o Imperador junto com uma carta. O Imperador, com medo do frasco, pediu para que levassem ao topo da montanha mais sagrada, o Monte Fuji. Lá, os emissários reais queimaram o frasco com a carta ao nascer do sol. Até hoje, as pessoas dizem que se pode ver a fumaça subindo do topo do Monte Fuji até as nuvens.

3 ANÁLISE DO CONTO

A narrativa japonesa “O Cortador de Bambu” é uma peça basilar do folclore do Japão. Esse conto, enraizado na rica tradição cultural do país, retrata uma parte de sua história, destacando valores familiares e a busca pela liberdade. Ao explorar esse conto, é possível identificar elementos específicos que refletem a singularidade da cultura japonesa.

Além disso, a jornada da princesa Luz-da-Lua, também chamada de *Kaguya-hime*, pode ser interpretada à luz do monomito, um conceito introduzido por Joseph Campbell para descrever a estrutura que os mitos heroicos compartilham. Essa referência oferece uma leitura intrigante para analisar a trajetória de *Kaguya-hime* a partir dos desafios que enfrenta e de sua transformação pessoal dentro da narrativa.

Nesta análise, será explorada a interseção entre os elementos culturais japoneses e a jornada heroica de Kaguya, buscando compreender como a riqueza simbólica do conto se desdobra. A partir disso, será possível explorar as camadas de significado que conectam essa

história atemporal à tradição cultural japonesa e aos elementos universais presentes no monomito.

3.1 ESPECIFICIDADE DO CONTO

Segundo a escritora Ozaki (2022), as histórias de seu livro são traduções não literais da versão escrita por Sadami Sanjin. Entretanto, a história japonesa e as expressões utilizadas foram preservadas com o intuito de despertar o interesse dos jovens leitores do Ocidente.

O conto japonês “O Cortador de Bambus e a Princesa da Lua” apresenta uma narrativa que transcende os limites de seu gênero. Ele incorpora algumas características dos contos das teorias ocidentais, por exemplo, o conto de fadas e o conto maravilhoso. Para a análise, serão considerados os elementos semelhantes a ambos. A seguir, será desenvolvida essa abordagem.

No livro *Literatura Infantil*, de Nelly Coelho (2000), são apresentadas algumas constantes das narrativas maravilhosas, sendo elas a onipresença da metamorfose, o uso de talismãs, a força do destino, magia e divindade, e os valores ético-ideológicos. Através da leitura do conto, podemos identificar algumas características que se fazem presentes, como a presença de talismãs, representados no conto pelo “elixir da vida”, que a princesa toma para poder retornar à Lua e depois entrega o frasco com o líquido que sobrou ao seu amigo, o Imperador, como forma de recompensa. Outro elemento é o manto de asas, também chamado de “manto de plumas”, que se refere ao *hagoromo*, elemento mítico presente em diversas narrativas japonesas, usado na história para cobrir a princesa logo após ela retirar um de seus *kimonos*. Segundo a mitologia japonesa, o manto *hagoromo* era usado pelas donzelas celestiais nipônicas, seres conhecidos pela beleza de suas vestes ornamentadas e requintadas, que carregavam consigo flores ou instrumentos musicais. Nas lendas, suas capacidades se deviam às suas vestimentas, ou seja, precisavam de seus *kimonos*, chamados de *hagoromo*, feitos de penas sagradas, para poder voar em direção aos céus.

Voltando ao conto, quando a princesa retorna à Lua, ela despe seu *kimono* terreno e veste o manto celestial, uma cena carregada de simbolismo, o que adiciona uma camada de profundidade à narrativa. Ao remover o *kimono*, a princesa realiza mais do que uma simples troca de vestimentas: ela simbolicamente transcende a esfera terrena, retornando à sua verdadeira natureza celestial. Ao oferecer esse presente simbólico, Kaguya não apenas se despede de seus pais, mas também deixa para trás um testemunho tangível de sua passagem, sugerindo que, embora parta fisicamente, sua presença e impacto permanecerão na memória

daqueles que a cuidaram e amaram. Veja, na Figura 1, a ilustração presente no conto da partida da princesa com o manto.

Figura 1 - Kaguya com o manto *hagoromo*



Fonte: Ozaki, 2022.

Outra constante que é possível observar é a força do destino, “onde tudo parece determinado a acontecer, como uma fatalidade a que ninguém pode escapar” (COELHO, 2000, p. 178). O mesmo acontece com a princesa, que, ao final do conto, é obrigada a seguir seu destino e retornar para seu lugar de origem, a Lua, mesmo contra sua vontade.

É importante mencionar que esse conto não é classificado pelos japoneses como um conto de fadas, embora pertença a essa classe literária. Por isso, é importante não se prender apenas nas teorias ocidentais, considerando sua origem oriental e sua inserção nos gêneros literários tradicionais japoneses, como *monogatari* e *mukashi-banashi*, o que confere a ele traços característicos e únicos desses gêneros.

Um dos traços mais representativos desses dois gêneros é a representação da sociedade japonesa da época, através dos costumes, objetos e crenças daquele período. O casamento no Japão era considerado crucial na vida das mulheres. No conto, o pai da princesa, com o desejo de casar sua filha com um dos pretendentes, pede que ela escolha um deles. Mesmo não sendo de seu desejo se casar, contrariando as expectativas sociais da época, a filha, para não magoar o pai, concorda em se casar com um dos pretendentes, mas, antes, eles deveriam provar seu amor, trazendo um objeto que ela desejava possuir. Através desse teste “impossível”, os pretendentes tentam enganar a princesa, mas acabam falhando ou desistindo de procurar os objetos.

As narrativas *monogatari* e *mukashi banashi*, por serem profundamente enraizadas na cultura japonesa, incorporam valores e tradições dessa sociedade, diferente dos contos de fadas ocidentais, que podem ter influências de diversas culturas.

3.2 A TRAJETÓRIA DE KAGUYA

O percurso de Kaguya ao longo da narrativa é marcado por descobertas, relacionamentos, desafios, revelações e emoções. À medida que a história se desenvolve, notamos um padrão da aventura mitológica do herói, que consiste, segundo o livro *O Herói de Mil Faces*, de Joseph Campbell (1949), em uma estrutura narrativa que está presente em mitos, lendas e contos de várias culturas ao redor do mundo. Campbell chama esse padrão de “a jornada do herói” ou “monomito”, que segue uma fórmula representada nos ritos de passagem: separação-iniciação-retorno. Essa jornada é composta por uma série de etapas e arquétipos, nas quais o protagonista passa por desafios, superações e transformações pessoais para alcançar um objetivo maior.

A jornada de *Kaguya-hime* começa com o chamado à aventura, no qual um mero erro ou acaso pode equivaler ao ato inicial de um destino. Enviada pelos céus como forma de punição, é separada de sua origem celestial e lançada em uma jornada na Terra, através de uma forma humana, saindo de sua zona de conforto e embarcando em um percurso rumo ao desconhecido.

Na fase de iniciação do monomito de Campbell, o herói enfrenta uma série de desafios, realizações e, muitas vezes, passa por uma transformação significativa. Ao aplicarmos esse conceito à trajetória de Kaguya, observamos várias camadas de iniciação que a personagem perpassa. O primeiro elemento é o crescimento acelerado da princesa, que, após três meses de sua chegada, já se torna uma jovem adulta de uma beleza exuberante, característica única que a coloca em uma situação misteriosa e extraordinária desde o início. Esse rápido desenvolvimento físico e, posteriormente, emocional serve como um ponto de partida para sua iniciação. Após a chegada da maturidade, a princesa passa por um rito de passagem que, segundo Campbell (1949), ocupa um lugar proeminente na vida de uma sociedade primitiva, através de cerimônias de nascimento, de atribuição de nome, de puberdade, de casamento e de morte.

No conto, o casal chama um famoso designador de nomes, que a nomeou princesa Luz-da-Lua. Após sua nomeação e a repercussão que sua beleza gerou, os desafios começaram a aparecer. Diversos pretendentes, interessados em casar-se com a princesa,

ficavam rodeando sua casa na esperança de ver ou conversar com ela. O pai da jovem acreditava ser necessário que ela se casasse com um dos cinco pretendentes mais corajosos e tentou, de todas as formas, convencer a princesa, que acabou “cedendo”, mas impôs a eles um desafio para provarem seu amor, que funciona como uma forma de acalmar o desejo do pai, mas também pode ser entendido como uma desculpa para não se casar, tendo em vista que os objetos que foram pedidos eram “impossíveis” de se encontrar e, mesmo que algum deles encontrasse, demoraria anos e anos para conseguir realizar tal tarefa. Diante da falha dos pretendentes, o Imperador requisita a presença da princesa no castelo, com o intuito de torná-la uma de suas damas de companhia.

Outro desafio aparece para perturbar sua liberdade e vontade. Kaguya consegue contornar a situação dizendo não ser da Terra e que, por isso, não poderia sair de sua casa, pois desapareceria. Depois de o Imperador retornar ao palácio, após visitar a casa de Kaguya, ele passa a enviar cartas de amor e devoção a ela, que eram respondidas pela própria princesa, mas que não correspondiam aos sentimentos que ele nutria. Diante desses desafios, Kaguya sofre transformações pessoais ao longo da narrativa, deixando de ser uma menina alegre para se tornar uma jovem triste, fadada a seguir seu destino.

A descrição do retorno de *Kaguya-hime* está intimamente relacionada ao conceito de “recusa da partida”, proposto por Joseph Campbell. Nesse estágio da jornada do herói, o protagonista, muitas vezes, hesita ou recusa-se inicialmente a aceitar o chamado para retornar ao seu ponto de origem ou cumprir seu destino. A mudança de comportamento da princesa, marcada por seu olhar diário para a Lua, precedido por um choro incessante, reflete uma profunda resistência à ideia de retornar ao seu lugar de origem celestial. Esse ato simboliza uma forma de recusa interior, um lamento constante que evidencia a relutância em aceitar o destino imposto. O choro não apenas ilustra seu sofrimento pela iminente partida, mas também destaca a complexidade emocional associada à aceitação de seu destino. Ao compartilhar seus sentimentos com o pai adotivo, Kaguya revela o âmago de sua recusa, evidenciando a dor de deixar seus pais adotivos, que tanto amava, e a casa onde cresceu.

Com a chegada do décimo quinto dia, os seres celestiais aparecem em carruagens vindas do céu para levar a princesa de volta. Mesmo contra sua vontade, ela acaba retornando a seu lugar de origem. O retorno de *Kaguya-hime* é marcado não apenas pelo cumprimento de um destino predeterminado, mas pela resistência emocional e pela busca por significado em sua jornada única e complexa.

4 FILME “O CONTO DA PRINCESA KAGUYA”

“O Conto da Princesa Kaguya” ou “*Kaguya-hime no Monogatari*” é um filme de animação japonesa baseado no conto popular “O Cortador de Bambus”. Com roteiro e direção de Isao Takahata, produzido por Yoshiaki Nishimura e Seiichiro Ujii e lançado em 23 de novembro de 2013 no Japão pela produtora *Studio Ghibli*, que foi fundada em 1985 por Hayao Miyazaki, Isao Takahata, Toshio Suzuki e Yasuyoshi Tokuma em Tóquio, no Japão.

Isao Takahata, após reler o conto que havia lido ainda quando era criança, viu um potencial em transformar aquela história em uma adaptação que permitisse ao público entender como a princesa Kaguya se sentia. Para isso, decidiu que o filme seria feito com uma arte de traços simples, desenhados à mão e em aquarela, para que os espectadores pudessem se conectar emocionalmente com o filme e não se distrair com um estilo artístico realista. Então, Osamu Tanabe forneceu o design e a animação dos personagens, enquanto Kazuo Oga desenhou os planos de fundo em aquarela.

A beleza desse filme não reside apenas em sua história encantadora, mas também na extraordinária feitura visual, que se destaca por sua simplicidade e elegância. A escolha de traços e cores remete a técnicas artísticas tradicionais japonesas, que criam uma atmosfera etérea e transportam o espectador para dentro do filme. A protagonista, *Kaguya-hime*, é desenhada de maneira única, com contornos fluidos que se assemelham a pinturas em movimento. A animação se destaca pelo cuidado com os detalhes, desde as pétalas das flores delicadamente desenhadas até as paisagens exuberantes que ganham vida na tela, intensificadas pela trilha sonora composta por Joe Hisaishi, complementando perfeitamente a atmosfera do filme.

Figura 2 - Princesa Kaguya



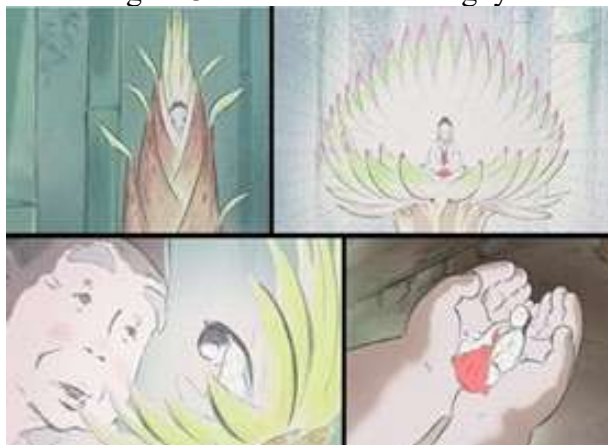
Fonte: Compilação do autor⁵.

⁵ Imagem retirada do filme “O Conto da Princesa Kaguya”, disponível na Netflix.

4.1 ENREDO

O filme começa com Sanuki Miyatsuko, um cortador de bambu, que utiliza a fibra dessa planta para fazer uma variedade de objetos. Um dia, ele avista uma luz saindo do talo de um bambu e, maravilhado, se aproxima. Para sua surpresa, encontra um broto de bambu que cresce subitamente, revelando, de dentro dele, uma linda princesa adormecida. O formato dela lembra o de um ser humano em miniatura, que cabe na palma de sua mão e emana luz ao seu redor. O cortador acreditou que os céus a enviaram como uma bênção, então tomou-a em suas mãos e seguiu em direção à sua casa para mostrar à esposa. A mulher, curiosa, pega a princesa em suas mãos e, como mágica, a pequena humana se transforma em um bebê. Com isso, ela a envolve em um pano, e o casal decide criá-la como sua própria filha.

Figura 3 - Descoberta de Kaguya



Fonte: Compilação do autor⁶.

A caminho da casa de uma ama de leite, como uma bênção, a esposa do cortador começa a produzir leite e amamenta o bebê que chorava. No caminho de volta a casa, o bebê começa a crescer rapidamente e as flores começam a desabrochar, indicando o início da primavera. Por crescer tão rápido, ganha o apelido de “Pequeno Bambu” pelas crianças do campo. Certo dia, quando estava andando pela floresta, é atacada por porco selvagem e é salva por Sutemaru, um menino que vive no Bosque dos Bambus. Com isso, ela acaba crescendo novamente se tornando uma menina.

⁶ Montagem feita a partir de imagens retiradas do filme “O Conto da Princesa Kaguya”, disponível na Netflix.

Figura 4 - Kaguya e seu amigo Sutemaru



Fonte: Página do Studio Ghibli no Facebook.⁷

Enquanto o pai a procura, ele acaba encontrando outro bambu brilhando e, ao cortar, se depara com pepitas de ouro e roupas da alta realeza dentro do talo e decide guardar tudo em casa para poder dar à princesa uma vida na cidade, para que ela seja feliz. A partir desse dia, o pai começa a visitar todos os dias a capital, levando o dinheiro para construir uma casa digna de uma princesa. Então, o tão esperado dia chega: voltando de um dia de coleta na floresta com os amigos, a princesa recebe a notícia de que iriam se mudar, deixa o campo e muda-se para uma mansão na capital.

Ao chegar, encontra seus pais vestindo roupas da mais alta classe e usando maquiagem no rosto, quase irreconhecíveis. Com a chegada da princesa, o pai chama Lady Sagami para ensinar os modos de uma princesa do palácio, com o intuito de transformá-la em uma dama, conforme pedem os costumes e a tradição da aristocracia da época. Sagami ensina a menina a levantar-se e a andar como uma dama, a praticar caligrafia e a tocar *koto*. Diante disso, a princesa começa a questionar Sagami e tenta fugir de suas aulas.

Com a chegada da maturidade da princesa, é feita uma cerimônia de nomeação. Para isso, chamam o lorde Akita que, após observá-la, a nomeia de *Kaguya-hime*, que significa “luz brilhante” devido a sua beleza que “brilha” a sua volta. Em comemoração, um grande festival é organizado, reunindo pessoas de alta classe e possíveis pretendentes. Para o festival, Kaguya é arrumada seguindo os ritos de cabelo e vestimenta, sendo colocada em uma sala isolada das outras pessoas para resguardar sua beleza, como mandava os costumes dos aristocratas.

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/StudioGhibliBrasil/posts/kaguya-e-sutemaru-em-o-conto-da-princesa-kaguya-dir-isao-takahata-2013-ocontodap/3328565067230508/>. Acesso em: 02 jan. 2024.

Figura 5 - Kaguya se preparando para o festival

Fonte: Compilação do autor⁸.

Dentro da sala, Kaguya acaba escutando pessoas questionarem sua beleza e a apontarem como plebeia, dizendo que ela não era uma verdadeira princesa e que tinha comprado esse título. Diante disso, ela foge de forma abrupta e, à medida que corre, vai deixando no caminho todos os *kimonos* que vestia. Quando volta a si, encontra-se no campo, o local em que cresceu; lá, descobre que os moradores da vila do bambu viajaram e que só voltariam dali a dez anos. Desolada, a princesa caminha sobre a neve, onde adormece. Ao acordar, encontra-se no mesmo lugar em que estava no festival e, depois do que aconteceu, muda completamente: passa a dedicar-se aos estudos, que tanto evitara, e fica em completo silêncio.

Com o tempo, os boatos sobre sua beleza se espalharam, e diversos admiradores apareceram enviando cartas e presentes para a princesa. Desses, destacaram-se cinco homens da mais alta classe, que fizeram propostas de casamento para tê-la como esposa. Com a chegada dos pretendentes, cada um se apresentava e declarava seus sentimentos, comparando a princesa com objetos raros. Diante dessa situação, Kaguya propõe aos cavalheiros que eles tragam esses raros tesouros dos quais falam como forma de comprovar o quanto eles a estimam. Se algum deles pudesse obter um desses tesouros, ela se tornaria o “tesouro” desse cavaleiro. Após enunciar os desafios, os cinco partem à procura dos objetos.

⁸ Imagem retirada do filme “O Conto da Princesa Kaguya”, disponível na Netflix.

Figura 6 - Os cinco pretendentes



Fonte: Compilação do autor⁹.

Depois de três anos, os pretendentes começam a voltar com os tesouros: os dois primeiros levaram objetos falsos, o terceiro confessou seu amor, mas não foi correspondido, o quarto nunca retornou e o quinto acabou morrendo. Após todo o ocorrido, falava-se ainda mais sobre a princesa; até mesmo Sua Majestade se interessou e enviou uma proposta solicitando a presença de Kaguya no castelo para torná-la uma dama da corte e dar a seu pai um posto. O pai de Kaguya fica muito feliz e diz para a princesa que ela precisa obedecer a Vossa Majestade, mas ela se recusa. Então, o Imperador a visita em sua casa e, sem seu consentimento, a abraça por trás, dizendo que ela tinha que ser dele. Esse gesto provoca um sentimento de desespero nela, que desaparece como um fantasma. Ao reaparecer, pede para que ele vá embora, o que ele faz, e volta para o castelo.

Figura 7 - O desespero de Kaguya



Fonte: Compilação do autor¹⁰.

Depois desse dia, todas as noites Kaguya olhava para a Lua com uma expressão de tristeza e acabava deixando de fazer coisas que tanto gostava, como cuidar do jardim. Questionada pelos pais, Kaguya explica que teria que voltar para a Lua no décimo quinto dia e esclarece o porquê de sua volta. No dia seguinte, decide voltar para sua casa no campo e

⁹ Imagem retirada do filme “O Conto da Princesa Kaguya”, disponível na Netflix.

¹⁰ Imagem retirada do filme “O Conto da Princesa Kaguya”, disponível na Netflix.

acaba reencontrando seu amigo de infância, Sutemaru; juntos, decidem fugir, mas já era tarde demais: o povo da Lua já sabia onde ela estava. Então, com a chegada do dia 15 de agosto, o povo da Lua desce do céu tocando instrumentos, como se fosse um festival. Antes de partir, Kaguya se despede dos pais, e os seres colocam o manto de *hagoromo* sobre seus ombros, fazendo com que ela esqueça tudo que viveu na Terra e, assim, parta de volta para a Lua.

Figura 8 - Retorno de Kaguya



Fonte: Compilação do autor¹¹.

4.2 ANÁLISE DA ANIMAÇÃO

Assistir ao filme é como visitar o Japão sem sair de casa: somos teletransportados para conhecer as vestimentas, os costumes, a tradição, a natureza, a religião e a arquitetura do período Heian. Na história, acompanhamos a passagem de Kaguya na Terra, desde o nascimento até seu retorno à Lua, uma trajetória de ensinamentos, superação e aprendizagem. Na trama, Kaguya terá que enfrentar seu destino e a punição por suas escolhas.

Figura 09 - Vestimentas usadas pelos personagens do filme



Fonte: Compilação do autor¹².

¹¹ Imagem retirada do filme “O Conto da Princesa Kaguya”, disponível na Netflix.

¹² Montagem feita a partir de imagens coletadas do site Pinterest via PicCollage.

Conforme a princesa cresce e sua beleza excepcional atrai pretendentes de todo o país, ela é vestida com roupas mais elaboradas e sofisticadas, refletindo seu papel como objeto de desejo na sociedade. Vestidos ricamente ornamentados, quimonos majestosos e acessórios elegantes destacam sua posição como figura cobiçada e representam um retrato de sua beleza na narrativa. No entanto, é importante notar que, apesar das mudanças das vestimentas, a essência de Kaguya permanece intocada. Para manter as lembranças vivas de quando morava no campo, ela cria um pequeno jardim nos fundos da mansão, onde planta flores e plantas nativas do vale dos bambus, acompanhada de sua mãe, que continua a fiar e a cozinhar para se lembrar da vida que tanto amava na cabana da floresta. Além disso, é possível observar a resistência à conformidade social pelas roupas que Kaguya escolhe usar e pelo comportamento diante das rígidas regras que uma princesa da corte precisava seguir. O contraste entre a vida na capital e a vida no campo destaca a luta da protagonista na busca de encontrar sua própria identidade e felicidade em um mundo repleto de expectativas e convenções sobre como ela deve ser e se portar.

Para Kaguya, a vida no campo, correr nos prados, nadar com os amigos e comer frutas diretamente das árvores era o que a deixava feliz, ou seja, ser livre, como comprovado por sua fala ao final do filme: “Eu nasci para viver de verdade! Como os pássaros e animais” (O CONTO, 2013). Uma crítica direta à vida rígida da aristocracia e aos costumes desumanos que era obrigada a seguir, que contrariavam suas vontades e desejos. Além disso, quando os seres celestiais descem para buscar a princesa, é possível observar um ser que se assemelha bastante à imagem de Buda, como é possível ver na Figura 10.

Figura 10 - Ser celestial



Fonte: Compilação do autor¹³.

¹³ Imagem retirada do filme “O Conto da Princesa Kaguya”, da Netflix.

Os japoneses têm uma relação bem próxima com a natureza, representada nas mais diversas dimensões de suas vidas, como na literatura, religião, arte, culinária, festivais e até nas construções de templos e casas. Segundo Tsuneyoshi (1929, p. 81), no Oriente asiático, o homem era deixado como secundário, “como um objeto de pintura”, pois, desde os tempos antigos, a natureza era o principal. Outro fator interessante é a representação da natureza na escolha de símbolos, por exemplo, a casa imperial japonesa, que é simbolizada por um crisântemo, considerada como a “Flor Nacional do Japão”. Além disso, o Japão é bastante conhecido pelas suas flores de cerejeira e pelo monte Fuji.

A valorização do desabrochar das flores de cerejeira é tão significativa para a cultura que deu origem a um festival chamado *Hanami*, dedicado exclusivamente à apreciação do florescimento das árvores de cerejeira, que ocorre entre março e abril, durante a primavera. No filme, esse festival é retratado após os cinco pretendentes deixarem a casa de Kaguya. Nesse momento, ela solicita que sua mãe e uma das criadas a acompanhem em sua saída do castelo, permitindo-lhe apreciar a chegada da primavera e o icônico desabrochar das flores de cerejeira. Esse instante proporciona uma fuga das obrigações e do isolamento imposto por seu pai, permitindo-nos testemunhar a alegria transbordante de Kaguya ao entrar em contato com a natureza, como ilustrado na Figura 11.

Figura 11 - O *Hanani* no filme



Fonte: Compilação do autor¹⁴.

A animação, por ser feita toda em aquarela, dá um toque especial à narrativa, como se a história fosse contada através de pinturas em movimento. Se considerarmos a concepção

¹⁴ Colagem feitas através de imagens retiradas do filme “O Conto da Princesa Kaguya”, disponível na Netflix, feito via PicCollege.

oriental, o ser humano e a natureza se tornam um só, como se fluíssem como um todo. No próprio filme, há momentos em que a natureza toma o primeiro plano, enquanto os humanos ficam sob o fundo apenas “existindo”.

Figura 92 - Cabana do *taketori*



Fonte: Compilação do autor¹⁵.

Figura 13 - Crianças andando pela floresta



Fonte: Compilação do autor¹⁶.

Nas Figuras 12 e 13, é possível perceber essa representação poética da coexistência entre a humanidade e a natureza. Na história, as estações do ano, assim como na realidade no Japão, são bem definidas e bastante simbólicas, agindo como um espelho das emoções e experiências da princesa Kaguya. Isso fica visível em sua fuga do castelo durante o festival de nomeação, desesperada e contrariada pelos rumores espalhados entre os aristocratas, que alegavam que sua beleza era uma farsa e que, por isso, se escondia atrás das cortinas e biombos de bambu. Nesse contexto, a cena se transforma, revelando a raiva e a tristeza que dominam Kaguya, levando-a a correr e destruir tudo por onde passa, deixando no caminho suas roupas e dando espaço ao desespero. Essa revolta ocorreu durante o inverno, e as cores

¹⁵ Imagem retirada do filme “O Conto da Princesa Kaguya”, da Netflix.

¹⁶ Imagem retirada do filme “O Conto da Princesa Kaguya”, da Netflix.

vivas que havia no verão e na primavera dão lugar a tons de cinza, branco e preto, representando essa época fria e solitária como reflexo de seus sentimentos.

Figura 104 - Fuga de Kaguya



Fonte: Compilação do autor¹⁷.

Na animação, acompanhamos a liberdade de Kaguya ser tirada gradativamente. Antes de ser levada para a capital, Kaguya morava no campo, onde vivia uma vida simples, alegre e livre de julgamentos. Porém, quando seu pai começa a encontrar grandes riquezas enviadas dos céus, assim como Kaguya surgiu, ele passa a acreditar que ela está destinada a se tornar uma grande princesa. Então, ao se deixar levar por seus desejos pessoais e pelos daquela sociedade, começa a distanciar cada vez mais Kaguya daquilo que verdadeiramente a fazia feliz, tentando realizar o sonho que ele sonhou para ela, mas não o da própria garota.

Com a mudança para a capital, tudo começa a mudar. Para seguir os costumes, ela é colocada sob uma existência servil e de objeto de desejo, tornando-se um brinquedo a ser conquistado e comprado por pretendentes que nunca conheceu nem teve interesse em conhecer. É forçada a usar camadas e camadas de roupas para se encaixar nos padrões da corte, além de ter que seguir um padrão de beleza que dependia da dor para ser alcançado, por exemplo, a cena da retirada de suas sobrancelhas, como visto na Figura 1. Além disso, é enclausurada na casa e colocada sempre por trás de cortinas e biombos, para esconder sua beleza e mantê-la “pura”. Para escapar disso, Kaguya sempre recorre à volta para o vale dos bambus, representado como o local onde a princesa podia ser ela mesma, sem os moldes que a prendiam. Na Figura 14, podemos observar uma dessas fugas, em que Kaguya deixa no caminho todas as roupas que a cobriam e, conseqüentemente, suas amarras, e encontra, na

¹⁷ Colagem feitas através de imagens retiradas do filme “O Conto da Princesa Kaguya”, disponível na Netflix, feito via PicCollege.

volta para o lar, o conforto da liberdade. Essa luta de Kaguya é um reflexo da vida de muitas mulheres desse período, que eram compelidas a se casar com pessoas que não conheciam e que não queriam, a seguir os interesses dos pais, a renunciar suas vontades para servir a um marido e a viver sob limites e costumes ditados pela aristocracia da época.

O filme traz uma importante reflexão sobre as consequências da imposição de um ideal feminino sobre as mulheres. Por meio do amadurecimento de Kaguya, a obra nos permite enxergar as consequências da objetificação e opressão da sociedade para com as vontades e direitos femininos.

Figura 15 - Retirada das sobrancelhas de Kaguya



Fonte: Tumblr¹⁸.

5 COMPARAÇÃO ENTRE O CONTO E O FILME

O conto “O Cortador de Bambu e a Criança da Lua” e a animação “O Conto da Princesa Kaguya” são obras que compartilham a fascinante narrativa de uma princesa celestial. Entretanto, a interpretação cinematográfica vai além das linhas do conto original, explorando a complexidade emocional da protagonista, inserindo subtramas e novos personagens, além de oferecer uma experiência visual única.

No filme, podemos acompanhar boa parte da infância de Kaguya enquanto morava na cabana na floresta: ela saía para caçar com os amigos, visitava o Vale dos Bambus, coletava brotos de bambu para comer, trançava cestas feitas de palha de bambu com sua mãe e brincava e cantava com os amigos. Momentos em que Kaguya se mostrava feliz, vivendo livre pelos prados e montanhas ao lado dos pais, que tanto amava, e da natureza — até que, um dia, se muda para a capital. Já no conto, a infância de Kaguya não é explorada, e a relação que a princesa tinha com a natureza e sua casa não é mencionada: ela apenas se muda para outra casa devido ao enriquecimento do pai. Na trama do filme, somos apresentados a novos personagens, com destaque para Sutemaru, amigo de infância de Kaguya, que representa, na

¹⁸ Disponível em: <https://kugurii.tumblr.com/post/160956274208>. Acesso em: 08. jan. 2024.

história, seu vínculo com o passado e com a vida no campo, que futuramente, em seu reencontro, representa a possibilidade de um final feliz vivendo lado a lado.

Outra personagem é Lady Sagami, chamada para ensinar a Kaguya os modos de uma princesa nobre, ensinamentos que são rejeitados por Kaguya e levados como brincadeiras. A partir daí, começa uma relação conflituosa entre as duas, que pode ser interpretada como uma recusa às tradições e aos costumes rígidos impostos às damas da corte e às mulheres da aristocracia. Na cena de preparação para o festival de nomeação, Sagami tenta tirar toda a sobrancelha e pintar os dentes de Kaguya de preto, dizendo que, sem isso, ela nunca será “uma princesa admirável”. É o padrão de beleza que Kaguya se recusa a seguir, mas que, em determinado momento, acaba cedendo, como é possível ver na Figura 16, e, com isso, sua felicidade desaparece quase por completo à medida que é “moldada” pelo pai e por Sagami.

Figura 116 - O *ohaguro* no filme



Fonte: Compilação do autor¹⁹

Em relação ao pai da princesa, tanto no conto quanto no filme, é perceptível a mudança de comportamento e de ideais após o enriquecimento da família. No conto, o pai tem o desejo de casar sua filha com um dos pretendentes e apela para o lado emocional, tentando convencer a filha, dizendo que era seu desejo vê-la “segura” em um casamento feliz antes de morrer. A filha argumenta que não queria se casar naquele momento, mas o pai diz que a encontrou e que, quando partir, ela precisará de alguém para cuidar dela, afirmando, assim, ser necessário que ela se case com um dos pretendentes que escolher.

O pai, ao receber a proposta de Vossa Majestade, pedindo que Kaguya se torne uma dama da corte do palácio, diz que “não há maior felicidade para uma garota nesta terra” e que finalmente ela será “feliz”. Diante da fala do pai, Kaguya diz que, se a felicidade dele depende de um chapéu de cortesão, ela, então, não hesitaria em se matar. Outro aspecto que é possível

¹⁹ Colagem feitas através de imagens retiradas do filme “O Conto da Princesa Kaguya”, disponível na Netflix, feito via PicCollege.

comparar é a finalização das narrativas: enquanto, no filme, Kaguya apenas é levada de volta à Lua sem deixar nada para trás, no conto ela deixa seu *kimono* como lembrança para os pais e dá ao Imperador o elixir da vida junto com uma carta de despedida, como forma de agradecer pela amizade que tinham e pela vida que teve na Terra.

Diante desta comparação entre o conto e a animação, é possível observar as diferenças entre as narrativas. Enquanto o conto foca em transmitir essa história folclórica da ligação entre o mundo celestial e o terreno, abordando temas como a partida e a efemeridade da existência humana, a animação busca explorar, através de uma narrativa visualmente única, a trajetória de Kaguya em busca da liberdade, a relação entre o ser humano e a natureza e a representação da mulher na sociedade aristocrata do período Heian. Essa análise reflete a compreensão de Linda Hutcheon (2013), que destaca que uma adaptação não se resume a uma simples transposição de uma mídia para outra, mas sim a um processo intertextual complexo que revela novas camadas de significado e interpretação nas obras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo comparar o conto “O Cortador de Bambus e a Criança Luz da Lua” e a animação “O Conto da Princesa Kaguya”, sob a ótica da teoria do conto, da adaptação cinematográfica e de estudos bibliográficos sobre as narrativas. Assim, pretendeu-se retratar o diálogo entre a literatura e o cinema ao longo da história, focando no processo de adaptação, na reflexão do conceito de fidelidade e apontando as características de cada meio artístico.

Buscou-se, também, examinar a relação entre a tradição oral e o conto, relacionando os conceitos ocidental e oriental desse gênero literário ao conto analisado, para então introduzir o enredo e explorar o contexto histórico de surgimento, a análise da trajetória da princesa Luz da Lua na narrativa sob o conceito do monomito e os aspectos culturais e simbólicos presentes no conto, a fim de entender as motivações das personagens diante da vida aristocrata permeada de regras e tradições que moldavam a mulher na sociedade. Comparada com a animação lançada pelo Studio Ghibli, que explora detalhes e personagens de maneira mais aprofundada, o que permite uma ênfase mais intensa nos relacionamentos e nuances emocionais.

A animação analisada, “O Conto da Princesa Kaguya”, marca o fim da carreira de Isao Takahata, sendo seu último filme dirigido antes do seu falecimento em 2018. A obra é elogiada por sua estética visual impressionante, baseada na técnica de aquarela e em traços

delicados, que capturam a essência da estética artística japonesa. Além disso, a narrativa é ampliada e enriquecida, explorando temas como a natureza efêmera da vida, as expectativas sociais e a busca da felicidade e da liberdade.

A comparação entre o conto original e a animação revelou como essa adaptação artística preservou a essência do conto original, ao mesmo tempo que adiciona camadas de profundidade emocional e visual. A animação não apenas mantém a essência da lenda, mas também oferece uma interpretação contemporânea e emocional da história. Essa abordagem única demonstra a capacidade da arte de transcender as fronteiras do tempo. Assim, a lenda de *Kaguya-hime* pode ser vista não apenas como uma história do passado, mas como uma narrativa atemporal que continua viva no presente, resistindo ao tempo e ressoando nos corações de quem a escuta e vê.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Thiago C. **Taketori monogatari**: a obra e o discurso (pretensamente) amor. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-09052016-125013/publico/2016_ThiagoCosmeDeAbreu_VCorr.pdf. Acesso em: 04. jan 2024.
- ALMEIDA, Daniela. **Arte japonesa e a natureza: análise do filme “O conto da princesa Kaguya” do Studio Ghibli**. Asia ON, 2021. Disponível em: <https://asiaon.com.br/arte-japonesa-e-a-natureza-analise-do-filme-o-conto-da-princesa-kaguya-do-studio-ghibli/>. Acesso em: 04, jan 2023.
- BILLINGTON, Alex. **TIFF Interview**: ‘The Tale of Princess Kaguya’ Director Isao Takahata. First Showing, 2014. Disponível em: <https://www.firstshowing.net/2014/tiff-interview-the-tale-of-princess-kaguya-director-isao-takahata/>. Acesso em: 04, jan 2024.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 4. Ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise e didática. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto**. In: _____. Valise de cronópio. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.147-163.
- CUNHA, Andrei dos S. Alguns aspectos literários do culto à natureza no Japão. **Sustentabilidade: o que pode a literatura?**, Santa Cruz do Sul, v.1, p. 191-210, 2015.
- GICK, Paulo. W. Mulheres Escritoras do Japão no Período Heian (794-1185). **Organon**, Porto Alegre, v. 16, n. 16, 2013. DOI: 10.22456/2238-8915.39505. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/39505>. Acesso em: 4 jan. 2024.

GOTLIB, Nádia B. **Teoria do Conto**. 5. Ed. São Paulo: Ática, 1990.

HATTNER, Alvaro L. Quem mexeu no meu texto? Observações sobre Literatura e sua adaptação para outros suportes textuais. **Literatura Comparada**, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 145-155, 2010. Disponível em: <https://abralic.org.br/downloads/revistas/1415576147.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2024.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel 2. Ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

KAWANAMI, Silvia. **Ohaguro**: Por que as japonesas pintavam seus dentes de preto?. Japão em foco, 2016. Disponível em: <https://www.japaoemfoco.com/ohaguro-por-que-as-japonesas-pintavam-seus-dentes-de-preto/>. Acesso em: 04 jan. 2024.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. Tradução de Lauro António e Maria Eduarda Colares. 1. Ed. Lisboa: Dinalivro, 2005

MONTAGNANE, Priscila de F. **Narrativa popular japonesa**: conceituação e estrutura dos mukashi-banashi. 2014. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-03112014-153656/publico/2014_PriscilaDeFreitasMontagnane_VCorr.pdf. Acesso em: 04 jan. 2024.

O CONTO da Princesa Kaguya. Direção de Isao Takahata. Japão: Studio Ghibli, 2013. Netflix (137 min.).

O CONTO da Princesa Kaguya. Studio Ghibli. Disponível em: <https://studioghibli.com.br/filmografia/o-conto-da-princesa-kaguya/>. Acesso em: 05 jan. 2024.

O CONTO da princesa Kaguya: conheça uma das lendas japonesas mais antigas. Japão Real, 2021. Disponível em: <https://japaoreal.com/2021/04/27/o-conto-da-princesa-kaguya-conheca-uma-das-lendas-japonesas-mais-antigas/>. Acesso em: 04 jan. 2024.

O CONTO do cortador de bambu. Japan House São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.japanhousesp.com.br/artigo/princesa-kaguya-e-a-lua/#:~:text=Encontrada%20por%20um%20casal%20de,grande%20conex%C3%A3o%20com%20a%20Lua>. Acesso em: 04 jan. 2024.

OS MUKASHI banashi (contos antigos) da literatura japonesa. Japan Foundation São Paulo. Disponível em: https://fjsp.org.br/dossie_mukashi_banashi_1_mukashi_banashi/. Acesso em 04 jan. 2024.

OZAKI, Yei T. O cortador de bambu e a criança da Lua. Tóquio, 1908. In: OZAKI, Yei T. **Japoneses**: contos de guerreiros e outras histórias. Organizado por Emiliano Unzer. Cotia: Pandagorda, 2022. E-book.

PERÍODO Heian – Vestimentas. Vestimentas Japonesas, 2016. Disponível em: <https://vestimentasjp.wordpress.com/2016/10/17/periodo-heian-vestimentas/comment-page-1/>. Acesso em: 04 jan. 2024.

RAPOLD, Nicolas. **Life, a Royal Pain.** New York Time, 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/10/17/movies/the-tale-of-the-princess-kaguya-from-isao-takahata.html>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses.** São Paulo: Editora Contexto, 2007.

STUDIO Ghibli. Studio Ghibli. Disponível em: <https://studioghibli.com.br/studioghibli/>. Acesso em 04 jan. 2024.

THAYSE. **Monstruosidade Feminina no Folclore Japonês:** entre lendas e história. Valkirias, 2020. Disponível em: <https://valkirias.com.br/monstruosidade-feminina-no-folclore-japones/>. Acesso em: 04 jan. 2024.

THE TALE of the Princess Kaguya. Rotten tomatoes. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/the_tale_of_the_princess_kaguya. Acesso em: 04, jan 2024.

THEBAS, Isabella. **A origem do Cinema.** Instituto de cinema. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema>. Acesso em: 04 jan. 2024.

UMA BREVE história da escrita. UFGM, 2020. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-escrita/>. Acesso em 06 jan. 2024.

Recebido em: 06 de novembro de 2025.

Aceito: 15 de dezembro de 2025